

Vida longa para o seu gado na seca

Um recurso para alimentar o gado na estiagem são as cactáceas e leguminosas

Mesmo o pequeno produtor do semi-árido, aquele que planta apenas para subsistência em propriedades de até 10 ha, sempre tem de oito a dez cabeças de gado bovino e umas vinte ou trinta cabras. Ainda que suas terras não comportem esse gado, o pequeno produtor mantém as vacas e as cabras de leite comendo restos de plantação nas áreas de cultura onde já colheu — e solta o gado solteiro nas áreas do governo, nas beiras de estrada ou nas propriedades vizinhas pouco vigiadas.

Nessas condições, o gado costuma pastar os arbustos e as cactáceas da caatinga, que, apesar de conterem bastante proteína, são muito escassas em quantidade. Na maioria dos casos, todo o peso ganho no inverno é perdido na estiagem, quando o gado caminha muito em busca de alimento. Por isso, o recomendado para a região é uma suplementação alimentar, composta de várias combinações de gramíneas, cactá-

ceas e leguminosas já adaptadas ao semi-árido. As gramíneas funcionariam como pasto, no início da estiagem, quando a vegetação da caatinga já estivesse escasseando. As cactáceas e leguminosas complementaríamos a pastagem, servindo como banco de proteínas ou como alternativa de alimentação no pico da seca, já que são culturas perenes e permanecem verdes durante o ano inteiro.

As culturas suplementares podem ser plantadas em áreas pequenas e médias, cercadas, para melhor controle da quantidade ingerida pelo gado. Com o manejo correto, o banco de proteínas dispensa o produtor da compra de ração ou de concentrados industriais, como farelo de trigo, farelo de algodão, etc.

Assim, o produtor pode continuar soltando o gado nas áreas públicas e caatinga, durante o inverno, quando o alimento é mais abundante. Tão logo as árvores e os arbustos comecem a perder as folhas, transfere-se



Luigi Mamporn

o gado para as pastagens, soltando-o de vez em quando nas áreas do banco de proteínas, para complementar a alimentação. Para as vacas leiteiras, a suplementação pode ser feita no cocho.

Capim-buffel e leucena

Uma das combinações possíveis, para evitar que o gado perca peso na estiagem, é a pastagem de capim-buffel, com pequenas áreas plantadas com leucena como banco de proteínas. De maneira geral, o capim-buffel apresenta melhor crescimento em solos de profundidade média, mas pode crescer bem em solos argilosos que apresentem boa drenagem. As áreas pedregosas também favorecem o crescimento do buffel.

O plantio desse capim pode ser feito em sulcos, em covas ou a lanço — sempre manualmente e no começo do inverno. No semeio a lanço usam-se de 5 a 10 kg/ha semen-

O capim-buffel amarela, mas resiste à escassez de água e pode ser a base da alimentação do gado o ano inteiro.

Consortiação de leguminosas com palma: um estoque de proteínas e líquidos.

tes. No plantio em covas, dependendo da qualidade das sementes, são necessários de 3 a 7 kg/ha. A cobertura das sementes não é obrigatória, mas notou-se que, em solos leves, uma camada de 1,5 a 3,0 cm de terra tem favorecido o estabelecimento do capim.

É importante respeitar uma dormência da semente, de pelo menos seis meses, antes de semear o buffel, pois, caso contrário, a brota será muito rala.

Pequenas quantidades de superfosfato simples têm se revelado bastante estimulantes para o crescimento do sistema radicular do buffel.

No primeiro ano do plantio desse capim, não é recomendável colocar o gado no pasto antes da primeira floração, pois o gado corta as folhas muito rentes e não sobram sementes para fechar o pasto. Assim que o buffel produzir sementes, o produtor pode passar uma colheiteira manual, de fácil fabricação caseira, e guardar sementes para o replantio. Assim o pasto vai fechar mais rápido e não será necessário comprar novas sementes, que ainda não têm uma boa distribuição no Nordeste. Depois da primeira colheita de se-

mentes, o gado pode ser solto sem maiores cuidados.

A leucena (veja à pág. 336) é transplantada para o campo no início do inverno e o espaçamento recomendado é 2 x 2 m. O consumo de leucena requer algum cuidado. Na Austrália, de onde ela é originária, há registros de que o gado que se alimentou com 100% de leucena acabou intoxicado, perdendo pêlos e apresentando aumento de bócio. Esse problema jamais se manifestou no Brasil, para onde foram trazidas apenas cultivares com baixo índice de toxicidade. Ainda assim, recomenda-se que a plantação de leucena seja cercada e que o gado leiteiro seja solto, no máximo, três vezes por semana na área. Para o gado solteiro, um dia na leucena e o resto da semana no buffel é o suficiente.

Buffel, algaroba e palma

Esta é outra combinação interessante. Para uma média de 12 ha de capim-buffel, o produtor pode plantar 2 ha de um consórcio de algaroba com palma.

A algarobeira (veja à pág. 260) é uma árvore leguminosa de características típicas de zonas áridas e semi-áridas. E seu aproveitamento é múltiplo: as vagens são usadas na alimentação de bois, cabras, ovelhas, jumentos, cavalos, etc. Um quilo de vagens equivale a 1 kg de milho. Devidamente tratadas, essas vagens servem também como ali-

mento humano; a madeira da árvore é ótima para a construção de cercas e de móveis; as flores são melíferas; a algarobeira fornece sombra para os animais durante o ano todo.

O plantio da algarobeira deve coincidir com o início das chuvas. No agreste seria entre março e maio e, no sertão, entre dezembro e março. A limpeza do terreno é feita através de roçado manual, recorrendo-se à destoca quando necessária.

Reserva de água

Para a consortiação com palma, o espaçamento é 10 x 10 m, observando-se uma distância mínima de 3 m em relação às fileiras de palma. O ideal é adubar cada cova de algarobeira com 3 kg de esterco bovino ou caprino, bem curtido. Assim que os arbustos atingirem 1 m, devem efetuar-se podas, para que cresçam lateralmente, favorecendo o pastejo direto do gado.

Nos anos de seca mais moderada, na combinação buffel/algaroba/palma, a algaroba seria fornecida no cocho e a palma ficaria como estoque vivo de água. Se a estiagem se prolongar, a palma passa a ser dada com a algaroba, no cocho, ou pode se soltar o gado na área de consortiação.

Guardada a distância de 3 m das covas de algarobeira, a palma deve ser plantada em três fileiras de 1,50 x 0,50 m. O produtor deve escolher as raquetes (espécie de folha) mais saudáveis de uma planta adulta, dan-



As capineiras de leucena (à esq.) devem ser cercadas, para facilitar o controle das quantidades ingeridas diariamente pelo gado.

A consortiação de algaroba com palma (à dir.) é ideal para estiagens prolongadas: ambas são perenes e muito resistentes.



do preferência à segunda ou terceira folha de cima para baixo, pois as raquetes da ponta ainda não estão desenvolvidas e não têm reservas suficientes para garantir uma boa germinação.

Desde que não tenha apresentado problemas nos primeiros quinze dias, a palma produz o ano todo. Para germinar precisa de solo seco, devendo ser plantada cerca de dois meses antes do inverno. Se chover nesses dois meses, a raquete corre o risco de apodrecer.

Mesmo que a plantação de palma não chegue a ser utilizada, ela deve ser mantida, pois é praticamente infensa a pragas e se constitui numa reserva importante para períodos de seca mais rigorosa. Apesar de ter 90% de água, é uma planta rica em cálcio, fósforo e açúcares, e muito aceita pelos animais.

Buffel e maniçoba

É uma combinação raramente usada, porque há um preconceito contra a maniçoba. Planta arbustiva natural da caatinga, a maniçoba normalmente é erradicada das áreas onde se coloca gado por ser considerada tóxica. Realmente ela possui ácido cianídrico, o mesmo ácido presente nas ramas de mandioca-brava. Mas o especialista em nutrição animal do CPATSA, José Maurício Cavalcante, pesquisando as plantas da caatinga preferidas pelo gado, notou que a maniçoba era uma delas, sem a ocorrência de intoxicações.

Estudando mais a fundo, ele constatou que o ácido cianídrico só é tóxico se o gado ingere só a maniçoba, e rapidamente. Se come normalmente e ruma, não há problema. De todo modo, para garantir que o gado não se intoxique basta ensilar a maniçoba e dar ao gado no cocho. Assim que as ramas e folhas são picadas, o ácido volatiliza e em 24 horas não há qualquer sinal de toxicidade, restando um excelente alimento, com 20% de proteína.

Para formar o banco de proteínas, a maniçoba deve ser plantada, em área bem cercada (o gado costuma invadir quando as folhas estão verdes), através de sementes. Uma vez estabelecida a plantação, só se cortam ramas e folhas durante o inverno, para a ensilagem, deixando as batatas na terra. No inverno a planta rebrota sozinha.

A grande desvantagem da maniçoba é que ela perde logo as folhas, o que não é problema se o produtor tem condições de ensilar. Neste caso, o buffel ficaria como pastagem permanente, e a maniçoba seria administrada no cocho.

Curtume caseiro

Como quase todo pequeno produtor do semi-árido cria bovinos e caprinos, existe na região uma razoável disponibilidade de couro, nem sempre aproveitado. Esse aproveitamento, contudo, poderia ser implementado, com o produtor curtindo o couro para posterior aplicação na confecção de bolsas, alforjes, cabrestos, chapéus, perneiras, etc. E o processo de curtimento não é dos mais complexos.

Primeiramente, após retirar o couro do animal, o produtor deve deixá-lo de molho em água. Já para a retirada dos pêlos, o couro deve ficar imerso numa barrela de baraúna (*Mrianoxylon brauna*). Essa barrela começa a ser feita cortando-se a baraúna e usando-se sua madei-

ra como lenha para uma coivara (grande fogueira, como as de São João). Das cinzas resultantes, misturadas com água, faz-se uma espécie de mingau, que é a barrela.

Retirado da água, o couro é posto, pelo lado do pêlo, em contato com essa barrela durante quatro ou cinco dias. Vencido esse prazo, o couro é retirado da barrela e sacudido. Com o auxílio de uma peixeira, os pêlos se desprendem facilmente.

O passo seguinte é colocar o couro num molho de água com casca de angico (*Piptadenia colubrina*), onde ele permanecerá, sendo virado a cada dois dias, cerca de trinta ou quarenta dias, até alcançar a consistência desejável.

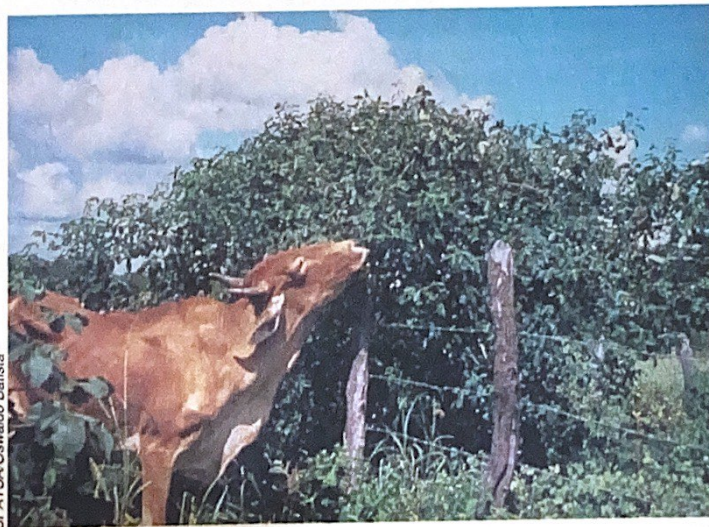


Luigi Mamprini

A palma é plantada em raquetes (à esq.), no solo seco, dois meses antes das chuvas. Um terço da raquete é enterrado, ligeiramente inclinado, como indica a foto. E o produtor cuida apenas para que o vento não derrube as mudas enquanto as raízes se desenvolvem.



CPATSA, Oswaldo Batista



CPATSA, Oswaldo Batista

A maniçoba (à esq.) sempre foi considerada veneno, mas é um excelente alimento, apreciado pelos animais. Para eliminar riscos de intoxicação, basta picar as ramas (acima) e fazer silos.

As forrageiras da caatinga nordestina

A consorciação de espécies adequadas à região compõe o cardápio ideal para a alimentação do gado

Nome comum e nome científico	cultivares	descrição	índice de proteínas	grau de digestibilidade	tempo de crescimento	recomendações
capim-buffel (<i>Cenchrus ciliaris</i>)	Biloela e Molopo (p/bovinos) Gayndah e Americano (caprinos)	Gramínea baixa, resistente à seca e suscetível ao frio	4%	56%	3 meses. Pode ser pastejado a partir do 1.º ano na razão de 2,5 animais/ha, após a colheita de sementes. Depois do segundo ano, 1,5 animais/ha. O gado precisa ser retirado quando atingir 10 cm, para evitar erosão do solo.	Só é eficiente em conjunto com uma leguminosa ou outra forrageira com alto teor de proteína. O gado pode pastar 80% do tempo e ter uma suplementação no curral ou em um outro pasto do banco de proteínas.
Leucena (<i>Leucaena leucocephala</i>)	Cunningham e Peru	Leguminosa forrageira, porte arbustivo, perene, mantém-se verde mesmo nos períodos de seca	25%	70%	6 meses. Deve ser mantida numa altura média de 1,5 m para estar sempre acessível ao gado. Não é necessário podar. O gado controla o crescimento. Rebrotar até 5 vezes ao ano.	Plantar em pasto separado do capim. Não pode ser pastejada o tempo todo, dada a toxicidade da mimosina (um aminoácido que contém). Para o gado leiteiro, de 10 a 20% da ração diária. Para gado solteiro, soltar uma vez por semana, o dia todo.
Palma	palma gigante e palma redonda	Cactácea altamente resistente à seca, chega a aguentar até 21 meses sem chuva. Pode ser armazenada no campo, como reserva para os piores anos. É perene.	10%		3 anos. As mais vigorosas produzem a partir do 2.º ano.	Serve como ração e supre parte das necessidades de água do gado durante a seca. Bom para o gado de leite. Deve ser dado no cocho, cortada com a peixeira. Recomenda-se colher apenas as raquetes totalmente desenvolvidas que estiverem nas pontas. Para cada 12 ha de buffel devem ser plantados 2 de palma.
algaroba (<i>Prosopis juliflora</i>)		Leguminosa arbustiva, perene. Não resiste ao impacto do vento em solos muito rasos.	18%	81%	6 ou 7 anos. Produz a partir do 3.º ano.	Recomendada como suplemento alimentar do gado, especialmente do gado leiteiro. Substitui concentrados industriais como o farelo de trigo e de algodão. Deve ser plantada em áreas cercadas para controle das quantidades ingeridas. A vagem é colhida no chão e fornecida diretamente ao gado no cocho.
maniçoba (<i>Manihot pseudoglaziovii</i>)		Arbusto da família da mandioca, possui o mesmo ácido cianídrico da mandioca brava, que se torna inócuo para o gado desde que ingerido espontaneamente.	20%	60%	1 ano. A batata permanece no solo e mesmo que a planta seja totalmente consumida, rebrota no inverno sem replantio.	Pode ser plantada em área cercada, colhida e ensilada para a seca (2 kg/animal/dia no cocho). Desde que cortada um dia antes de ser fornecida ao gado, não é tóxica. O ácido cianídrico volatiliza em 24 horas, mesmo quando os talos não são picados.
mandioca (<i>Manihot esculenta</i>)	todas as cultivares de plantio comercial	Arbusto de raízes tuberosas. O caule e folhas contêm ácido cianídrico, considerado tóxico.	16%		1 ano. As ramas e folhas são aproveitadas após a colheita comercial.	Da mesma forma que a maniçoba, a mandioca pode ser cortada e ensilada e serve como forrageira de grande qualidade na seca. O gado pode ser alimentado exclusivamente do silo, que pode ser puro ou com capim ou milho.
caatinga		pastagem natural	acima de 12%	20 a 50%		Nas áreas secundárias (onde já houve um desmatamento) é recomendável cortar as juremas (<i>Pithecolobium tortum</i>), uma das espécies mais competitivas e menos nutritivas. O gado enche a barriga mas não aproveita nem 20%.